

CORREIO POLÍTICO

Lula Marques/Agência Brasil.



Comemoração após a derrubada do veto

A enorme bancada do Banco Master

Muitos atribuem a derrota do advogado-geral da União, Jorge Messias, na indicação para o Supremo Tribunal Federal (STF) a uma poderosa articulação da bancada do banco Master. Haveria aí uma grande conjugação de forças de enrolados pelas artimanhas do banqueiro Daniel Vercaro. Passaria pelo grupo bolsonarista, já que o sócio de Vercaro, Fabiano Zettel, doou R\$ 3 milhões para a campanha do ex-presidente Jair Bolsonaro em 2022. Chegaria aos aliados do governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), que também recebeu R\$ 2 milhões. Não pouparia o PT, especialmente o PT da Bahia, pelas ligações com o Credcesta, origem do esquema de créditos falsos que engordaram a carteira do Master.

Alcolumbre evita CPMI do Master

E chega ao Centrão, com nomes como o senador Ciro Nogueira (PP-PI). O próprio ministro da Secretaria de Relações Institucionais, José Guimarães, atribuiu ao Master a derrota. Segundo ele, grupos unificaram-se para articular a derrota ao mesmo tempo em que o presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP), ele chamuscado por conta do Fundo de Previdência do Amapá, evitou ler em sessão o pedido de CPMI do Master.

Portal Gov.br



Polícia Federal ganhou muito mais independência

Dinâmica independe do Congresso

Pelo acerto que teria sido feito, no dia seguinte à derrota de Jorge Messias, Alcolumbre fez a sessão do Congresso que derrubou o veto do presidente Luiz Inácio Lula da Silva ao PL da Dosimetria. Obtidas as assinaturas mínimas necessárias, um pedido de CPMI deve ser lido na sessão do Congresso. Há até uma decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) nesse sentido. Mas, pelo acordo, Alcolumbre fez a sessão do Congresso única e exclusivamente para derrubar o veto. Toda essa leitura, porém, tem um problema: a dinâmica da crise independe do Congresso.

Investigação não vai parar

Se aconteceu a tal união da bancada do Master, ela teria ignorado um fato: os mecanismos de investigação de que hoje o país dispõe já há algum tempo independem da vontade política. Assim operam o Ministério Público e a Polícia Federal. O Ministério Público desde a Constituição de 1988 e a PF especialmente a partir do primeiro governo Lula.

POR
RUDOLFO LAGO

MP

O Ministério Público hoje perdeu parte do protagonismo que tinha por seus próprios erros. Ao não se submeter à pressão política de governos, criou sua própria motivação política na Lava Jato, orientando sua apuração e combinando sentenças para condenar pessoas. Paga ainda o preço dessa politização.

PF

Politização que não contaminou a Polícia Federal. Seu processo de independência vem desde os tempos em que o ministro da Justiça era Marcio Thomaz Bastos e dirigia a PF Paulo Lacerda. Nesse momento, ganhou melhor formação de seus quadros, passando a operar de forma mais independente.

Cardozo

Na mesma Lava Jato, não foram poucas as vezes em que o então ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, viu-se surpreendido ao não saber de operações e prisões que acabavam por desgastar o governo. Algo talvez mal compreendido por Lula, que teria desenvolvido resistência a Cardozo.

Dilma

Resistência que não teria tido a própria Dilma Rousseff. Fora do ministério, foi Cardozo o advogado de Dilma no processo de impeachment. Mas a verdade é que quem acabou condenado e preso como consequência da Operação Lava Jato foi Lula. O fato, porém: nem governo nem Congresso contiveram a investigação.

Ciro

O fato de uma semana depois Ciro Nogueira ter sido o alvo principal da nova fase da Operação Compliance Zero mostra como o meio político não teria mais força para parar tais apurações. Os indícios que dese o início surgiram desdobraram-se ao longo da investigação chegando aos detalhes contidos na decisão.

Delação

A apuração vai seguir. E pode ganhar novos contornos com a delação de Daniel Vercaro. Aliás, só haverá delação se ela de fato for capaz disso. As informações são de que as negociações empacaram no momento justamente porque André Mendonça considera que o que apresenta Vercaro no momento é pouco.



Trump e Lula classificaram a reunião como “positiva”

Grupo terá 30 dias para resolver tarifaço

Lula se encontra com Trump por três horas nos EUA

Por Gabriela Gallo

A reunião entre o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump (Republicano), nesta quinta-feira (7), foi considerada bem-sucedida por ambos.

No encontro entre os dois chefes de Estado, que inicialmente seria realizada em março mas teve que ser adiada devido a guerra no Oriente Médio, eles discutiram temas predominantemente econômicos como o fim das tarifas aplicadas para produtos de ambos os países. Contudo, eles evitaram citar temas demasiadamente polêmicos, como o sistema de transferência monetária instantâneo brasileiro, o Pix, ou associar organizações criminosas como terrorismo.

“Uma das razões pelas quais eu trouxe [o ministro da Fazenda] Dario Durigan era porque eu imaginava que o Trump queria discutir a questão do Pix. Ele não tocou no assunto, então eu também não toquei”, disse Lula em entrevista coletiva logo após a reunião.

A reunião, que inicialmente estava prevista para durar 30 minutos, durou três horas. Ao contrário da maioria das reuniões entre Trump e demais chefes de Estado, eles não concederam entrevista coletiva na Casa Branca depois. Ao final do encontro, Trump foi embora e Lula conversou com a imprensa na Embai-

xada do Brasil em Washington D.C.

Na coletiva, ele destacou que o encontro foi produtivo para reestabelecer as relações comerciais e democráticas entre os países, mas reforçou o discurso da soberania brasileira. “Eu saio daqui com a ideia de que nós demos um passo importante na consolidação da relação democrática histórica que o Brasil tem com os Estados Unidos”, manifestou Lula.

Por meio de suas redes sociais, o presidente Donald Trump manifestou como positiva a reunião com o brasileiro. “Concluí minha reunião com Luiz Inácio Lula da Silva, o muito dinâmico presidente do Brasil. Discutimos diversos assuntos incluindo comércio e, especificamente, tarifas. A reunião foi muito boa. Nossos representantes estão escalados para se reunirem para discutir certos elementos-chaves. Novas reuniões serão agendadas nos próximos meses, se necessário”, escreveu Trump.

Na coletiva, o presidente brasileiro informou que firmou com Trump um acordo para criar um Grupo de Trabalho entre os dois países para discutir e tentar encerrar as tarifas norte-americanas aplicadas a produtos brasileiros, que ficaram conhecidas como tarifaço. Atualmente, a maioria dos itens exportados pelo Brasil aos Estados Unidos são taxadas em 10%. Já alumínio, aço, autopeças e cobre têm tarifas de 15%.